

**QUANDO EU ME CHAMAR SAUDADE: REPRESENTAÇÕES DO/NO
CEMITÉRIO JARDIM DA SAUDADE EM LONDRINA (PR)**

**WHEN I AM CALLED SAUDADE: REPRESENTATIONS OF THE JARDIM
DA SAUDADE CEMETERY IN LONDRINA (PR)**

Bruno Sanches Mariante da Silva *

RESUMO

Tomando os espaços cemiteriais como espaços de disputas de memórias e, assim, prenhes de representações sobre a vida e a morte, procuramos nesse artigo analisar as representações sociais presentes no Cemitério Jardim da Saudade, assim como, uma leitura sobre as representações dessa necrópole nos periódicos da cidade. O Cemitério Jardim da Saudade, localizado na zona norte de Londrina – PR, é a maior necrópole da cidade, sendo, contudo uma das mais novas. Seu célere crescimento se deu em razão dos baixos custos para os sepultamentos, atraindo ao longo de suas três décadas, em sua maioria, famílias de baixa renda. Desse modo, elaborou-se uma série de representações no e do cemitério sobre a morte, a vida e a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Representação, cemitério, memória.

ABSTRACT

In this article we analyze the social representations present in Jardim da Saudade cemetery considering cemeterial spaces as spaces of memories disputes - and thus full of representations about life and death - as well as a reading on the representations about this necropolis in Londrina's newspapers. The Jardim da Saudade cemetery, located in the northern area of Londrina - PR, is the largest necropolis of the city, and yet one of the newest. Its speedy growth was due to the low costs for burials, attracting over its three decades of existence, mostly low-income families. Thus, a series of representations in the cemetery and about death, life and the city has been elaborated along the years

KEYWORDS: Representation, cemetery, memory.

* Doutorando em História pela UNESP (*campus* de Assis). Endereço: Rua Fernando de Noronha, 433, AP. 10, Londrina (PR). E-mail: bruno_sanches1987@hotmail.com.

Introdução

*“Depois que eu me chamar saudade, não preciso de vaidade
Quero preces e nada mais”
Nelson Cavaquinho*

Cemitério é uma palavra derivada da língua grega e faz referência ao local para se dormir, descansar. Esses espaços, em nossa sociedade, são comumente associados a ambientes sombrios, escuros e unicamente entendidos como lugares de morte. Em geral são visitados com o propósito de homenagear e recordar entes queridos que lá estejam sepultados. Assim, os cemitérios são também lugares de memória, coisa viva que mantém as lembranças de uma pessoa e/ou sociedade.

Queremos, no presente artigo, analisar as necrópoles¹ enquanto espaços de recordações, pois a morte é, por vezes, associada ao esquecimento, sobretudo, ao temor de que se esqueça do finado. Em face de tal temor, trava-se nos espaços cemiteriais uma luta silenciosa contra o esquecimento, revelada nas placas de epitáfio, nos agradecimentos e dedicatórias, assim como, nos adornos dos túmulos que são carregados de evocações de memória. As recordações apoiam-se, sem dúvida, tanto no aspecto material quanto no imaterial dos cemitérios, ou seja, os túmulos, lápides e estátuas suportam a(s) memória(s) tanto quanto os sentimentos, as canções, os choros, as lembranças vívidas de uma vida. A memória necessita dos seus suportes – sejam materiais ou não –, pois, desta forma ela é construída ou reconstruída de acordo com o presente.

Sendo assim, entendemos que os cemitérios representam as parcelas da sociedade que com ele dialogam. Como aponta o governo dos Estados Unidos, em documento específico sobre o estudo e a preservação dos espaços cemiteriais naquele país, ao dizer que sepulturas individuais e coletivas podem refletir e representar de forma importante os valores e práticas culturais do passado que ajudam a instruir-nos sobre quem somos como povo² São lugares de memória bastante atrelados a

¹Também do grego “cidade dos mortos”.

²Tradução livre a partir de “Individual and collective burial places can reflect and represent in important ways the cultural values and practices of the past that help instruct us about who we are as a

afetividade, aos sentimentos que aquilo desperta nas pessoas que por eles passam. Há, geralmente, um profundo respeito pelos cemitérios, em razão disto se cumprem alguns rituais. Pelos ditos populares deve-se sempre “pedir licença” para adentrar o cemitério, fazer o sinal da cruz entre outros ritos; e o silêncio grave marca os cemitérios. Envoltos em todos esses elementos, os cemitérios tornam-se referenciais identitários das populações.

Desta maneira, queremos destacar que não apenas pela estrutura tumular e/ou destaque artístico e arquitetônico, um cemitério é importante de ser estudado, mas sim pelas relações de identidades, de pertencimento e reconhecimento que são com ele traçadas. Podendo, deste modo, ser considerado como patrimônio cultural. O termo “Patrimônio Cultural”, ligado ao conceito antropológico de cultura, é expandido e engloba as diversas manifestações sociais e culturais das pessoas em sociedade. Nesse momento nos referimos aos elementos não só materiais – pedra e cal – mas também aos aspectos imateriais, as manifestações artísticas e do espírito humano.

Imbuídos dessas reflexões, queremos nesse texto pensar uma das necrópoles de Londrina. Cidade de 80 anos e 500 mil habitantes³, situada na região norte do Paraná, possui 8 necrópoles urbanas (5 públicas e 3 privadas) e 8 distritais⁴. Dentre tais necrópoles, escolhemos uma para nos debruçarmos em análise, trata-se do Cemitério Municipal Jardim da Saudade, localizado na região norte da cidade, no coração da Avenida Saul Elkind. O Cemitério Jardim da Saudade foi construído em 1984, no bojo do desenvolvimento da região norte da cidade de Londrina e do surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais naquela região. A necrópole conta hoje (após uma expansão) com 130 mil metros quadrados e mais de 32 mil sepultamentos já realizados, sendo, portanto, o maior cemitério público da cidade.

people”. NATIONAL REGISTER BULLETIN. *Guidelines for evaluating and registering cemeteries and burial places*. Washington, D.C., U.S. Department of the Interior.

³ A cidade se desenvolveu a partir de um empreendimento de capital inglês na década de 1930. A empresa Companhia de Terras Norte do Paraná – subsidiária brasileira da britânica Paraná Plantation – adquiriu em 1929 515 mil alqueires de terras na região norte do Paraná com o intuito de vender lotes médios tanto rurais e urbanos. O negócio foi tão exitoso que em 1940 a cidade já contava com 75.296 mil habitantes.

⁴ Cemitérios públicos: urbanos: São Pedro (1932), João XXIII (1964), Padre Anchieta (1968), Jardim da Saudade (1984) e São Paulo (1989). Distritais: Cemitério de Lerroville, Cemitério de Guaravera, Cemitério de Paiquerê, Cemitério de Irerê, Cemitério de São Luiz, Cemitério de Maravilha, Cemitério de Heimtal (o primeiro da região) e Cemitério de Warta.

Em 30 de Junho de 1984 o jornal Folha de Londrina noticiava que estavam iniciadas as vendas, por parte da ACESF (Autarquia de Cemitérios e Serviços Funerários da Prefeitura de Londrina), de terrenos no Cemitério Jardim da Saudade pelo valor de quarenta mil cruzeiros. Uma soma pequena, pois se aplicada a correção monetária para Real esse valor representaria hoje pouco mais de 300 reais⁵. Destaca-se ainda que tal valor era passível de parcelamento, de acordo com a publicação do periódico.

O cemitério já havia sido notícia anteriormente, alguns poucos dias. Em matéria da Seção Londrina, o mesmo diário destacava, no dia 20 de Junho de 1984, que em alguns dias as vendas se iniciariam e que a construção da necrópole era obra bastante necessária para a cidade, tendo em vista a superlotação dos demais espaços cemiteriais londrinenses. Nessa reportagem há destaque para feitura da necrópole em curto tempo – aproximadamente dois meses – e o fato de que as sepulturas seriam mais acessíveis financeiramente. Ambas as características citadas foram creditadas ao fato de a construção ter sido empreendida pela própria prefeitura de Londrina.

Vemos aqui citadas reportagens de periódicos contemporâneos, e eles consistirão em valiosa fonte histórica para nossa pesquisa. É preciso, contudo, que se diga que alguns historiadores ainda relutaram para tomar os periódicos enquanto fonte ou objeto de pesquisa histórica. A princípio havia certa desconfiança “[...] uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (LUCA, 2011, p.112). Foi após os “abalos epistemológicos” na História, como a História Nova, a Micro História e Virada linguística, apontados por Tania de Luca, que a disciplina passou a ter profícuo diálogo com os periódicos, seja utilizando-os como objeto ou como fonte para a pesquisa histórica. Para a utilização enquanto fontes é preciso assumir que a imprensa seleciona, estrutura e ordena tudo o que se escolheu para ser publicado em suas páginas, sejam impressas ou as virtuais. Mas isso não constitui empecilho ao trabalho historiográfico, pelo contrário.

⁵ De acordo com a equivalência monetária disponibilizada pela Fundação de Economia e Estatística em seu portal virtual: www.fee.tche.br.

O historiador possui as ferramentas necessárias para uma análise das construções discursivas presentes nas páginas jornalísticas. Para tal o conceito de representações é sempre bastante valioso à produção historiográfica, pois parte do pressuposto que os periódicos são eivados de construções discursivas, ou seja, representações sobre o mundo social. Os textos jornalísticos não são o mundo, mas sim representações deste. Desse modo, representações

São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2012, p.17).

Assim, é possível para o historiador, por meio dos periódicos, tomar conhecimento de algumas representações criadas e mantidas no imaginário social. Dessa maneira, queremos, nesse texto, elaborar dois eixos analíticos para a compreensão do Cemitério Jardim da Saudade, um deles será no sentido de uma reflexão sobre as representações da vida, da morte e da memória no próprio cemitério, por meio da materialidade de seus túmulos, capelas, placas e etc. Os discursos presentes em uma necrópole são bastante específicos e assim possuem linguagem (textual ou não) própria que comunica as concepções acerca da vida e da morte e apresenta representações. Outro eixo que intentamos seguir é o das representações sobre o Cemitério Jardim da Saudade nos diferentes periódicos londrinenses, apresentando-nos um pouco das percepções que a sociedade tinha ou viria a ter sobre esta necrópole londrinense. E é por esta parte que iniciaremos nosso texto que se segue.

Representações da necrópole nos jornais.

Como dito, o Cemitério Jardim da Saudade foi construído no ano de 1984, no entanto, foi a partir da década de 1990 que os periódicos passaram a toma-lo enquanto

assunto de diversas reportagens. Em uma pesquisa junto a periódicos de Londrina⁶ como Folha de Londrina, Jornal de Londrina, Correio Londrinense e Folha Norte encontramos duas vertentes de representações sobre a necrópole: uma primeira que açambarca ideias sobre violência, vandalismo e falta de segurança neste espaço cemiterial. E outra acerca das grandes dimensões que o cemitério adquiriu com o passar dos anos e o crescente número de sepultamentos, assim como algumas características que essas inumações teriam.

A violência e roubo de objetos em cemitérios tem sido prática constante em diversas cidades mundo a fora, sobretudo, em se tratando de sepulturas ricamente adornadas. Os saques se dão, em geral, em razão do valor pecuniário de tais objetos, ou então, do caráter sentimental de apreço e reverência à personalidade finada⁷. No entanto, de acordo com os periódicos, havia algo de assombroso e misterioso acontecendo no Jardim da Saudade.

O diário Jornal de Londrina (JL) noticiou no dia 25 de abril de 1994 que alguns túmulos haviam sido violados no cemitério. O JL informava que em dezembro do ano anterior o cemitério já havia sofrido ataque semelhante às suas estruturas. Há dois tipos de fala na matéria: uma indireta que apresenta as teses policiais, e outra direta que manifesta a opinião de familiares dos sepultado.

“a polícia suspeita que os responsáveis estavam à procura de objetos de valor e prática de necrofilia (relacionamento sexual com cadáver)” (JORNAL DE LONDRINA, 1994A, p.2).

“é coisa da turma do Saravá pra fazer despacho. Disseram que na época levaram um pedaço da roupa do meu sogro que foi encontrado nu fora do túmulo. É um desrespeito” (JORNAL DE LONDRINA, 1994A, p.2).

No dia seguinte (26/04/1944) o JL voltou ao assunto, dando voz à superintendente da Acesf Marilys Garani que informava que toda semana os cemitérios de Londrina sofriam tentativas de bandidos. No entanto, só foi citada na matéria jornalística a violação dos túmulos acontecida no Jardim da Saudade. O diário volta à

⁶ Especial agradecimento ao setor da Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Londrina que muito solícitamente nos forneceu material para pesquisa.

⁷ Um caso que ficou célebre foi o da sepultura de Oscar Wild no Cemitério Père-Lachaise em Paris. Seu jazigo era adornado com um anjo que possuía um pênis aparente. Esse membro foi por duas vezes roubado.

teoria policial de que os violadores procuravam objetos de valor ou buscavam a prática de necrofilia. A voz da polícia é ouvida diretamente na matéria do Correio Londrinense (CL) do dia seguinte (27 de abril de 1994). O então delegado do 5º distrito policial atribui a responsabilidade das violações ao Jardim da Saudade à Acesf, pois, segundo ele em entrevista ao CL, “o cemitério é propício para qualquer prática de vandalismo, pois está em local praticamente deserto” (CORREIO LONDRINENSE, 1994, p.4). A hipótese aventada pelo mandatário policial é de que a permissão da superintendente a terreiros de umbanda para a prática de ritos provocou tais atos violentos. A explicação voltou-se para a chamada “magia negra” e iniciou-se uma investigação sobre os centros de umbanda que usaram o cemitério para “fazer despacho” (idem, ibidem).

Menos de um mês após essas matérias há a apresentação de uma nova representação no imaginário sobre o Jardim da Saudade. Em 2 de maio de 1994 o JL trazia como manchete “Mortos são incomodados mais uma vez”, mas o “chapéu”⁸ da matéria anunciava uma “reincidência macabra”. O texto é bastante explicativo quanto aos túmulos violados e o fato de alguns terem sido abertos mais de uma vez. Mas é interessante pensarmos que uma hipótese foi descartada pela política e as consequências que tal ato produz para o entendimento das representações sobre a necrópole. Acompanhemos um trecho do diário:

“A hipótese de furtos de objetos de valor já foi descartada pela Polícia por ser um cemitério de famílias mais pobres, na maioria. As investigações são feitas em cima da possibilidade de necrofilia (prática sexual com cadáveres)” (JORNAL DE LONDRINA, 1994B, p.6).

Essa perspectiva está presente na fala dos parentes de finados lá sepultados:

“Na opinião de Vera Lúcia, irmã de Maria Bueno, roubo não é, porque aqui só tem gente pobre. É coisa da magia negra, maconheiro também não faz isso e nem molecada” (JORNAL DE LONDRINA, 1994B, p.6).

Há aqui a primeira menção que vemos sobre o Cemitério Jardim da Saudade ser um cemitério de “pobres”. As teses sobre necrofilia e rituais de “magia negra”

⁸ O chapéu da matéria é uma palavra ou pequena frase que apresenta o tema da reportagem que se segue.

ganham força, em detrimento do furto de objetos valiosos, quando quatro anos após essas matérias, o assunto voltou a ocupar a pauta dos periódicos. A “linha fina” (pequeno texto introdutório abaixo do título da matéria) dizia assim: “muitos acreditam que crime esteja ligado a rituais religiosos. Polícia trabalha com hipóteses de necrofilia” (JORNAL DE LONDRINA, 1998). A matéria retoma diversos casos semelhantes acontecidos na cidade, inclusive uma série de violações acontecida no Cemitério São Pedro 15 anos antes da matéria. Há também vasta explicação sobre a psicopatologia conhecida como necrofilia, assim como sobre as possíveis relações do candomblé e da umbanda – ambas religiões de matriz afro-brasileira tratadas como magia negra pelo diário – com a violação de túmulos e cadáveres. A matéria traz a imagem desfocada de um cadáver feminino abandonado de braços sobre uma sepultura do Jardim da Saudade.

Em 1999 o assunto foi abordado pela Gazeta do Povo (GP), jornal da capital do estado, relatando que mais quatro túmulos teriam sido violados em Londrina e apresentando a reincidência dos acontecimentos. Nessa matéria o delegado “afirma que a iluminação precária do cemitério e o muro baixo perto das últimas quadras facilita a entrada de estranhos durante a noite” (GAZETA DO POVO, 24 DE MARÇO DE 1999). A estrutura do cemitério foi assunto em todas as matérias citadas, principalmente, a inexistência de muro em parte do terreno ou a iluminação precária. Tais apontamentos estão presentes em todas as matérias que citamos.

No mesmo ano, A Folha de Londrina noticiou que o Centro de Direitos Humanos de Londrina constatara um estado de abandono no cemitério. A reportagem retomava os casos de violações de túmulos e enfatizava com fotografias um matagal nos fundos do cemitério (FL, 2 de março de 1999, p.3). Essas preocupações com a estrutura do cemitério ocuparam as atenções no final da década de 1990 e ao longo dos anos 2000 (JL, 19 de Junho de 2002).

Ao longo de várias matérias expressões como “descaso” e “falta de respeito” ganham destaque, seja do lado da Acesf quanto dos familiares de sepultados. Com o passar dos anos alguns túmulos, em razão da precária construção ou do terreno acidentado, foram cedendo em suas estruturas; paralelamente, a própria Acesf precisou por vezes exumar e reutilizar sepulturas, produzindo muito material a ser descartado. Um visitante manifestou sua indignação recentemente em matéria de 2013: “Fiquei horrorizada. Senti uma imensa falta de respeito com as famílias. Cemitério já é lugar

triste de visitar e chegar ali naquela situação é um tapa na cara.”(JL, 26 de fevereiro de 2013).

Em relação ao abandono das sepulturas pelos familiares em 2005 a Acesf organizou duas explicações diferentes, de acordo com, também dois, periódicos da cidade:

“De modo geral as pessoas cuidam bem dos túmulos, principalmente na época que antecede o Dia de Finados. De um universo de 10.441 jazigos, somente 5% estão abandonados”, disse o superintendente. Um dos problemas apontados é que muitas famílias que têm entes enterrados em Londrina já não moram mais na cidade e o túmulo fica sem cuidados” (*Jornal de Londrina*, 10 de novembro de 2005.)

“Embora o Jardim da Saudade concentre grande número de ‘moradores’ de baixa renda, Manelito [superintendente da Acesf] não atribui o problema à falta de dinheiro para reparos dos túmulos: “Isso é a pessoa que não liga mesmo para seu ente querido” (*Folha de Londrina*, 29 de novembro de 2005).

A preocupação com a segurança parece, de acordo com depoimentos presentes nos jornais, envolver também a estrutura tumular e a do cemitério, em conjunto.

“As irmãs Dione e Célia Corsino contam que ainda não tiveram problemas com o túmulo da mãe, que era alugado e por isso estava sem adornos, mas agora que o corpo foi transferido para um espaço próprio, temem haver algum tipo de vandalismo. ‘amigos nossos já tiveram problemas e isso nos preocupa. Queremos que o corpo do nosso ente querido fique em segurança, mas isso aqui (no cemitério) parece ser pior” (*Folha de Londrina*, 17 de janeiro de 2013)

Algumas considerações são necessárias sobre os textos citados. Nesse último depoimento de duas irmãs à FL em 2013, é possível percebermos na matéria que havia um interesse do jornal em demonstrar a questão da violação e vandalismo de túmulos, pois a todos os entrevistados foram feitas perguntas sobre essa questão, todavia em todos os casos eles reportaram não terem sofrido com isso, mas que conheciam quem padecera com tal situação. Outro ponto de destaque é que em matéria de 2005 a FL afirma que grande parte dos sepultados no Jardim da Saudade é formada por pessoas de baixa renda, mas que esse não seria a razão da falta de manutenção dos túmulos, mas que está estaria atrelada à falta de zelo das famílias.

O abandono e/ou a não conservação adequada dos túmulos pode levar a Acesf a revogar a concessão dada à família, em qualquer cemitério. Isso se dá, em princípio, pela falta de túmulos para toda a grande demanda que há. Em 2012, frente a grande procura e a superlotação de outros cemitérios (como o São Pedro) a Acesf cogitou criar o sistema de gavetários, permitindo uma expansão do número de sepultamentos. Em matéria de 12 de outubro de 2012, a FL destacou a criação de tal sistema e na fala do superintendente da ACESF ficou expressa a diferença de preço entre os cemitérios. “Ele explica que a diferença de preço entre um cemitério popular e um central é ‘muito grande’. ‘O preço no Cemitério da Saudade é de R\$1,248 enquanto no Cemitério São Pedro (Centro) chega a 15 mil” (FL, 12 de outubro de 2012.p.7).

A política de preços diferenciados da Acesf rapidamente lotou o Jardim da Saudade que em menos de 30 anos alcançou mais de 34 mil sepultamentos. Está presente em texto da Folha Norte (FN) de 2011:

[...] Na Avenida Saul Elkind, com 34 mil pessoas sepultadas, está o cemitério Jardim da Saudade, que, de acordo com o coordenador Ideiede Pereira, além de maior, também é o maior. “As pessoas acabam optando por um túmulo aqui porque o preço é menor do que em outros lugares, aproximadamente R\$ 1,5 mil. Há jazigos no cemitério São Pedro, no centro, que chegam a custar R\$ 15 mil” (*Folha Norte*. 29/10 a 4/11/2011, p. 4).

Segundo o entrevistado as pessoas “acabam” por escolher o Jardim da Saudade, tendo em vista que os demais ou estão superlotados ou são demasiadamente caros, citando dados inclusive. Parece, nesse entendimento, não haver uma identificação da população com este cemitério, entendido enquanto uma necrópole de/para pobres. Não haveria famílias que queiram ali enterrar seus mortos? No entanto, esse mesmo periódico havia noticiado em 2003 que o Jardim da Saudade era o cemitério que mais recebia sepultamentos em Londrina, há uma média de 120 ou 130 ao mês. E fazia uma ressalva que a grande procura se dava em razão da disponibilidade de terrenos e os baixos preços.

Como percebemos, foi por diversas vezes enunciada a questão dos baixos preços (desde o lançamento do cemitério para venda de terrenos) para se adquirir ou ser sepultado no Jardim da Saudade. É preciso esclarecer que essa é a única necrópole pública onde são sepultados os cidadãos que não tem condições socioeconômicas de

arcar com as custas funerárias.⁹ É mandatório que se esclareça que apenas as custas com o funeral são desoneradas do beneficiário – através de comprovação e entrevistas com assistentes sociais da Prefeitura –, no entanto, a família deve pagar pela sepultura, o que nos leva de volta ao Jardim da Saudade que tem as sepulturas mais baratas, havendo ainda possibilidade de sepultamento na terra.

A *Folha de Londrina* destacou em 2003 que o cemitério era uma “cidade” com bairros e classes sociais. A matéria tratou de destacar que o tratamento não é menos “cristão” com aqueles que não podem pagar, no entanto, a eles é destinada uma região (um “bairro”) menos nobre do cemitério.

O “bairro” mais pobre do Cemitério Jardim da Saudade, na Zona Norte, reproduz a realidade urbana dos vivos. Fica na periferia sul, no setor mais acidentado e mais remoto, um terreno anexado recentemente na área total de cinco alqueires, onde estão 20 mil sepulturas. A nova fronteira de sepulturas já está bem próxima ao muro que a divide da cidade viva, como se avisasse que o Jardim da Saudade está bem próximo da saturação (*Folha de Londrina*, 19 de outubro de 2003, p.14).

As diferenças sociais e a marginalização (no sentido, de estarem em oposição ao centro) de parcelas das sociedades no espaço urbano têm sido discutidas enquanto grandes fomentadores da violência urbana. A criminalidade na cidade de Londrina foi também arrolada como uma das características presentes no Cemitério Jardim da Saudade.

“Violência lota maior cemitério de Londrina” foi a manchete da *Folha de Londrina* em 27 de setembro de 2002. A matéria apresenta que das 103 vítimas de homicídio 76 haviam sido sepultadas no Jardim da Saudade. Contudo, há a ideia criada acerca desta necrópole como aquela que abriga os “filhos do crime”. Nesta matéria a FL procurou enfatizar que grande parte dos sepultamentos é constituída por jovens:

Apenas 15 vítimas que descansam no Jardim da Saudade tinham mais de 30 anos. Humberto Conceição Pereira, 23, disse que o clima costuma ser muito pesado e triste nos sepultamentos dos jovens que perderam a vida para o crime. “Nós estamos acostumados, mas dá pra sentir a dor dos pais e dos irmãos dos mais novos”, disse Pereira, que há oito anos trabalha no local.

⁹ Hoje há um cemitério particular que por força de lei desempenha semelhante função mediante cota estabelecida pela Prefeitura Municipal no ato de concessão.

Pereira contabiliza ter enterrado mais de vinte assassinados neste ano (27 de setembro de 2002. p.3.)

Em matéria de cunho semelhante a Folha Norte apresentou que, extraoficialmente, a Acesf estima que 60% dos sepultados têm menos de 25 anos. Segundo o jornal “isso representa 15 mil jovens, boa parte vítima de morte violenta” (Folha Norte, 29/10 a 4/11/2005, p.6). A matéria traz também a informação de que ocorrem muito mais sepultamentos no Jardim da Saudade do que nos demais cemitérios.

Desse modo essa última representação do Jardim da Saudade enquanto um cemitério de jovens nos chamou a atenção e precisávamos seguir tal pista. Assim sendo, fomos analisar os livros de registros de inumações depositados no arquivo da Acesf. Em tais fontes constam todas as inumações ocorridas nas necrópoles londrinenses. Logo, queríamos investigar por faixa etária e sexo os que foram sepultados, mas sabíamos que não seria possível analisar os quase 30 anos e mais de 30 mil sepultamentos. Desta maneira analisamos o ano de 2002 (ano em que tal ideia foi aventada pela primeira vez pela imprensa) e o ano de 2012, pois este era o último ano já completo quando fomos analisar. Chegamos a tais índices:

	São Pedro		Jardim da Saudade			São Pedro		Jardim da Saudade	
	ANO: 2002		ANO: 2002			ANO: 2012		ANO: 2012	
Natimorto	6 (1,40%)		62 (4,63%)		Natimorto	7 (1,56%)		29 (2,05%)	
Idade	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Idade	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0 -1	4	2	38	24	0 -1	0	1	8	4
02 --10	0	2	9	3	02 --10	0	1	9	1
11 -- 15	2	3	12	6	11 -- 15	1	0	9	2
16 --25	8	2	85	15	16 --25	1	1	81	7
26 - 30	8	0	47	10	26 - 30	3	1	30	6
31 - 40	7	2	77	24	31 - 40	6	4	71	16
40 - 60	44	24	229	97	40 - 60	40	16	223	119
mais de 60	160	156	315	275	mais de 60	181	183	419	375
Total	231	191	812	454	Total	232	207	850	530
Total GERAL	428		1337		Total GERAL	446		1409	

Queremos com isso apresentar um “raio-x” parcial dos sepultamentos no Jardim da Saudade, tomando dois anos que se distanciam em uma década, em comparação com a mais longeva necrópole londrinense, o Cemitério São Pedro. O Cemitério Jardim da Saudade, claramente, recebe mais sepultamentos do que a

necrópole central, quase mil inumações a mais por ano. O curso dito natural da vida segue seu rumo, sepultando em maior número aqueles que já contribuíram longamente para a sociedade, pois em ambas as necrópoles há uma predominância da faixa etária acima de 60 anos.

É mandatório explicitar também que há uma maior incidência de sepultamentos de jovens entre 16 e 25 no Jardim da Saudade do que no São Pedro. E sua esmagadora maioria é composta por rapazes. Será um reflexo da violência urbana preconizada pelas matérias jornalísticas, sendo estes os “filhos do crime”? Não há como sabermos com precisão numérica, por que o “Livro de Registros de Inumações”, principal documento sobre os cemitérios, é uma fonte histórica movediça, escrita a várias mãos e que segue diversos padrões. Para sermos mais claros, o registro nesse livro fica a cargo de um funcionário da Acesf, no entanto, pode haver um remanejo interno e outra pessoa então passa a fazer o registro. Muda-se a letra, muda-se, muitas vezes, o padrão de anotação. Em certas páginas encontramos como causa mortis “atropelamento”, “acidente de trânsito”, “arma de fogo”. Ora, essas não são causa mortis de cunho médico, são os acontecimentos sociais que provocaram certa desordem no corpo humano levando-o a óbito. Por outras vezes temos registros mais medicalizados em anotações como “politraumatismo encefálico” “hemorragia interna” etc. Com isso, quer-se apontar que é impreciso afirmarmos que esses jovens morreram vítimas da violência urbana, mas não podemos negar a existência dessa larga vantagem numérica frente às demais faixas etárias.

Em 2005 a Folha Norte noticiou que 60% dos sepultados tinham menos de 25 anos e que “boa parte vítima de morte violenta”. Em nossa opinião trata-se de construção de uma representação do cemitério, porque não podemos afirmar sem uma arguta investigação das causas mortis, além do mais como vimos pelos dados de 2002 e 2012, os jovens sepultados não correspondem a 60% do total de inumações.

Outro ponto que pode ser esclarecido é que mesmo em se tratando de falecimentos advindos dos crimes urbanos, isso não configura que a zona norte seja mais violenta que as demais regiões, pois uma pessoa que faleça na zona sul e vá se valer do benefício da isenção das custas funerárias, será sepultada no Jardim da Saudade também. O que a nosso ver refuta uma das explicações para o maior número de sepultamentos no Saudade aventadas pelo ex-superintendente da Acesf Osvaldo

Moreira Neto em 2005: “É o maior número de sepultamentos da cidade. Não se pode afirmar ao certo a razão: se é porque na região morrem mais pessoas ou se é porque o cemitério é o maior de Londrina” (FN, 2005). Essas explicações e construções advêm da representação dos “Cinco Conjuntos” como um lugar violento e perigoso¹⁰.

“Cemitério de pobres” “cemitério de bandido” “descuidado” “sujo”. São expressões das representações criadas na/pela imprensa ao longo do tempo acerca do Cemitério Municipal Jardim da Saudade. É preciso pensar se essas representações estão também expressas na materialidade do cemitério, assim como refletir se essas são as únicas representações acerca desta necrópole.

A materialidade do Jardim da Saudade: representações de fé, amor e diferenças sociais.

Um olhar atento à materialidade das sepulturas e da própria estrutura cemiterial pode nos revelar os discursos sobre a morte e a vida em um cemitério, assim como os discursos sobre a memória e a própria história da cidade.¹¹ Como já dito, os cemitérios são impregnados da luta contra o esquecimento, sobretudo, pela materialidade dos túmulos e jazigos. As placas que rememoram e homenageiam os finados, os epitáfios que recontam os feitos e nos quais estão declarados amores dos diversos tipos, a estatuária que em geral apresenta demonstrações de fé. A arquitetura cemiterial é mais largamente estudada do ponto de vista da história da arte e da arquitetura¹², como nos Cemitérios da Consolação em São Paulo (recentemente tombado pelo conselho estadual do patrimônio CONDEPHAAT) e o São João Batista na capital fluminense. Em geral, os cemitérios são foco de pesquisas artísticas e históricas. Mas apenas os cemitérios ricos em estatuária, em grandes túmulos vastamente adornados são passíveis da atenção

¹⁰ Ver os capítulos “Saul Elkind: de ilustre desconhecido à artéria da Zona Norte” e “Discursos e Reminiscências da Saul Elkind” presentes em SILVA, B.S.M., MORAES, D.R. MEDEIROS, T.S. “*Essa rua tem história*”: memórias e sociabilidades da Saul Elkind. Londrina, 2014.

¹¹ Há texto publicado sobre os discursos do pioneirismo presentes no Cemitério São Pedro em Londrina, o mais antigo cemitério urbano da cidade. SILVA, B.S.M. “Aqui jaz um pioneiro”: pioneirismo e memória no Cemitério São Pedro em Londrina – PR”.IN: SILVA, Z. L. VI Encontro do CEDAP – Preservação do Patrimônio e Democratização da Memória.

¹² No cemitério São Pedro em Londrina, encontrou-se claras manifestações arquitetônicas do modernismo no Brasil, inclusive com imitações de estruturas presentes em Brasília, capital federal do Brasil.

do historiador? Acreditamos que não e, por tal, nos dedicamos a análise da estrutura tumular do Cemitério Municipal Jardim da Saudade em Londrina.

Após extensa pesquisa de campo visitando o cemitério e observando suas formas, percebemos que a materialidade do cemitério reproduz esse imaginário de que a necrópole é um local inseguro, sempre sujeito a vandalismos e furtos. Em verdade, esse medo já foi expresso pelos periódicos em entrevistas com familiares de finados no Cemitério da Saudade sepultados. O que encontramos, em primeira observação, foi um cemitério cuja grande maioria dos túmulos é composta por carneiras simples (uma “gaveta”) ou carneiras duplas (duas “gavetas”). A simplicidade é o que marca indelevelmente essas estruturas tumulares, talvez já imbuídas desse medo propalado de vandalismos. Há pouca estatuária religiosa, os poucos exemplares que encontramos são, em grande maioria, representações de Nossa Senhora Aparecida, Jesus Cristo, a Sagrada Família e os mais diversos anjos. Essas imagens são em geral de porcelana ou gesso, não há qualquer estátua em bronze. Percebemos também uma baixa ocorrência de utilização daquelas costumeiras placas com os dados do finado ali sepultado, muitas



Figura 1: Túmulo simples sem estatuária nem placa. Foto: Bruno S. M. Silva. 2013.

vezes recorreu-se a uma simples pintura do nome do finado (figura 1) sobre o túmulo, ou neste mesmo, inscrever manualmente no concreto o nome.

Com essas duas constatações, entendemos que pode haver – ao menos – duas explicações para essas características: uma delas é o, já citado, temor de essas peças serem saqueadas

ou depredadas; e a outra delas é a condição social e financeira de grande parte das famílias que lá sepultam seus entes queridos, tendo em vista que os terrenos e sepulturas são mais baratos no Jardim da Saudade do que em outra necrópole londrinense.

É preciso que se diga que existem algumas sepulturas que exibem apenas os buracos deixados no concreto ou no granito por antigas placas, talvez caídas, talvez roubadas. Todavia, há aqueles túmulos que expõem estatuárias e placas. Queremos destacar que uma parte desses familiares encontrou maneiras para homenagear seus entes queridos e ostentar peças mais caras e placas que os rememore, sem obliterar o

temor por parte deles, mas valendo-se de certa precaução, assim muitos deles decidiram então gradear os túmulos ou parte deles, a fim de proteger tais peças.



Figura 2: Túmulo com grades e vidros para proteção. Foto: Bruno S. M. Silva. 2013. **Figura 3:** Túmulo gradeado com portões e cadeados. Foto: Bruno S. M. Silva. 2013.

Notamos que alguns desses túmulos que possuem certa estrutura tumular mais elaborada (duas carneiras, placas, revestimento cerâmico etc.) apresentam indícios de que tenham sofrido transformações ao longo do tempo. Essas modificações se deram muitas vezes por que o primeiro sepultamento aconteceu em carneira simples ou mesmo na terra,

mas que com o passar da terra a família experimentou uma ascensão social mais vigorosa possibilitando que esse túmulo fosse reformado, assim se homenagearia “melhor” o ente querido, mas também seria possível comportar mais adequadamente novos sepultamentos, no caso de ampliação para uma carneira dupla. A não ser que buscássemos os registros de cada sepultura poderíamos afirmar que a primeira inumação fora feita na terra ou em carneira simples, mas não é esse nosso objetivo. Mais uma vez é importante perceber o diálogo entre a necrópole (cidade dos mortos) e a cidade dos vivos, pois experiências dos vivos repercutem no cemitério, como o caso da ascensão social.



Figura 5: Túmulo mais recente coberto com revestimento e portando uma placa antiga não fixada e uma cruz em madeira. **Figura 6:** Túmulo novo com revestimento que ostenta uma cruz em concreto bastante desgastada.

Nessas transformações dos túmulos, um dos elementos que mais nos chamou a atenção é a nítida manutenção da cruz, em geral de madeira e já bastante desgastada pelo tempo, por cima ou próxima do novo túmulo já feito concreto e frequentemente coberto com revestimento (fugas 5 e 6).

Alguns túmulos apresentam alta elaboração quanto a sua estrutura e ornamentação, como em qualquer cemitério. O uso corriqueiro de granito ou materiais cerâmicos para revestir as sepulturas, placas com nomes e epitáfios, vasos para flores, toldos e etc. Há uma preocupação com a forma e com a estética. Entretanto, não são todas as famílias que conseguem (ou ainda não conseguiram) modificar a aparência tumular e assim as formas de demonstração de afeto. O que não significa afirmar que essas manifestações de bem-querer não existam, mesmo sem aqueles materiais considerados mais nobres ou formas mais comuns de demonstração de afeto



Figura 7: Túmulo com inscrição no concreto. **Figura 8:** Túmulo com mensagem em spray azul.

nos cemitérios como as placas e epitáfios. O que encontramos no Cemitério Jardim da Saudade foi que alguns familiares descobriram uma nova linguagem, uma forma própria, por meio de materiais pouco comuns na arquitetura cemiterial, como o spray de grafite,

para comunicarem seus sentimentos saudosos e prestar as homenagens aos entes queridos falecidos. Outra forma – largamente mais recorrente – é a inscrição do nome do falecido no concreto ainda fresco, assim como uma pequena declaração de carinho, eternizada quando o cimento seca.

Dentre todas as diferentes formas de expressão de amor pelo ente querido, encontramos uma que nos chamou mais a atenção. Trata-se de uma pintura no concreto que reproduz uma placa funerária. Talvez com a ideia do vandalismo iminente ou por falta de condições financeiras, não se sabe o motivo, mas a família entende que a placa provê certa distinção e faz parte dos discursos sobre a morte presentes em cemitério. Essa “placa” traz, inclusive, os símbolos convencionados para a vida e o falecimento, ou seja, a estrela que representa o



Figura 2: Túmulo com a reprodução em pintura de uma placa funerária. Foto: Bruno S. M. Silva. 2013.

nascimento e a cruz que simboliza o falecimento. Por se tratar, de um natimorto tem-se apenas o primeiro nome.

Com isso queremos destacar que, não importa as condições sociais e financeiras, as famílias procuram homenagear seus entes queridos. Assim, como há túmulos abandonados no Cemitério São Pedro, considerado cemitério de “pioneiros” e de pessoas influentes na cidade, há também no Jardim da Saudade. A condição social não está relacionada com importar-se mais ou menos com aqueles que partem do convívio. Tal constatação é evidente também nos túmulos dotados da mais extrema simplicidade.

Na porção sul encontram-se as carneiras conjugadas. São essas as mais baratas sepulturas ofertadas pela ACESF e não são de caráter perpétuo. É feita uma concessão por três anos, após esse período os familiares precisam adquirir uma carneira perpétua para sepultar os restos mortais ou, então, eles irão para o ossuário municipal, que fica também no Jardim da Saudade.

Essa região do cemitério é fruto da expansão acontecida em 2003 e o terreno é bastante acidentado, havendo diferença muito grande de nivelamento do terreno entre uma quadra e outra. Mas é lá que estão erguidos os paredões de sepulturas conjugadas, permitindo um maior número de sepultamentos no cemitério. É preciso que se diga que a estrutura de maneira geral naquela porção do terreno é bastante precária, não havendo grama ou qualquer calçamento, a terra predomina o cenário. E com isso tudo se complica, pois constatamos que pelo menos um “andar” da parede de sepulturas já foi parcialmente encoberto pela terra deslocada, provavelmente, em chuvas. Outro fator que nos chamou a atenção é que há uma parte dessas sepulturas que são nitidamente menores e não havíamos compreendido o porquê até nos aproximarmos para a leitura das inscrições feitas no concreto. A constatação impressiona a qualquer um que por ali passe, trata-se de um extenso corredor com pequeninas gavetas para os natimortos. São inscrições apenas com os nomes e as “idades”.

Seja de adultos ou de crianças o que se quer destacar é que há familiares que se preocupam e empenham-se em manifestar seu bem-querer e sua reverência com aquelas pessoas queridas que já deixaram a vida.



Figura 3: carneiras conjugadas destinadas aos natimortos. **Figura 11:** Parede parcialmente encoberta por terra. **Fotos:** Bruno S. M. Silva, 2013.

A análise dos corredores de carneiras conjugadas, suas formas e, sobretudo, sua localização nos fez refletir sobre a existência de diferentes cemitérios dentro do Jardim da Saudade. Talvez seja próximo do que apontou a matéria, já citada, da Folha de Londrina de outubro de 2003 sobre o Cemitério Jardim da Saudade ser uma “cidade” com bairros e classes. Nas figuras 24 e 25 podemos ter uma visão de dentro desses corredores de carneiras conjugadas, onde há a predominância do cinza do concreto em contraste com o vermelho da terra que encobre algumas sepulturas.



Figura 12: Fotografia tirada da entrada de um dos corredores de carneiras conjugadas. **Figura 13:** imagem tirada do meio do corredor “olhando” para o outro lado do cemitério. Fotos: Bruno S. M. Silva, 2012. Disponível em: <http://www.foto.com.br/>

À guisa de conclusão

“Quando eu me chamar Saudade, não preciso de vaidade. Quero preces e nada mais”. Foi com essa epígrafe retirada da obra de Nelson Cavaquinho que iniciamos esse texto. Pelos versos da canção o compositor pede que quando ele morrer não quer um violão de ouro ou coisa parecida como homenagem, pois esses atos caem no esquecimento. Ele pede apenas as preces e nada mais. No Cemitério Jardim da Saudade não há violões de ouro.

Os cemitérios têm em comum certa linguagem que os torna semelhantes, como a utilização de placas, adornos, estátuas, velas, terços etc. Esses elementos estão presentes na grande maioria dos cemitérios – os cristãos, é claro. Quando pensamos nos epitáfios – aqueles textos postos sobre as lápides – há bastante similaridade entre eles, pois em geral são bastante elogiosos e querem declarar a afeição dos familiares pelo

ente que partiu. Já a estatuária é majoritariamente religiosa, com grande predominância para Jesus e as diferentes representações de sua mãe, Maria. O Cemitério Jardim da Saudade tem todos esses elementos em suas sepulturas. Em menores dimensões e quantidade, mas os possui, corroborando a ideia de uma linguagem própria aos cemitérios.

Mas cada necrópole, como uma cidade, tem características próprias em razão de seus habitantes. No Cemitério São Pedro, por exemplo, percebemos um forte discurso do pioneirismo, e assim o largo uso de estatuária em bronze pintado de dourado, ao passo que assim se conferiria maior dignidade e honradez aos sepultados. No Jardim da Saudade não se vê grandes bustos ou Jesus carregando sua cruz em bronze, vê-se pequenas estátuas, em maioria de Nossa Senhora Aparecida, todas de gesso ou porcelana.

As linguagens dos cemitérios se diferenciam entre si por que estão diretamente atreladas à identificação que os familiares – pois são eles que constroem e adornam as sepulturas – possuem com o local e com suas formas. É essa identificação mais forte com certos materiais ou estruturas que dita a predominância. Assim, os cemitérios são em geral patrimônios culturais.

Quando a ideia acerca do patrimônio cultural de um povo deslocou-se dos grandes monumentos e construções e passou a abarcar os artefatos mais simples, incorporando também os aspectos imateriais da cultura de um povo, os cemitérios passaram também a ganhar novas leituras. Assim, o patrimônio passou da monumentalidade para, muitas vezes, o singelo; deslocando o caráter da excepcionalidade para a necessidade de representatividade dos artefatos para as comunidades.

Patrimônio, particularmente o chamado “patrimônio cultural”, evoca em seu nome a identidade coletiva em primeiro lugar, a salvaguarda, a preservação, o uso de bens materiais e imateriais (tangíveis e intangíveis). Dilatado, o conceito de patrimônio passou dos monumentos da nação e dos bens da civilização para o cotidiano dos povos, o desenho das cidades, as culturas sociais (religiosas, gastronômicas, musicais, etc.) em geral (IVANO, 2009. p.123)

Cemitérios enquanto patrimônio cultural não são apenas aqueles que recebem visitas de turistas em razão de seus mortos célebres ou grandes obras de arte a céu aberto. Patrimônio cultural deve ser algo vivo. Deixando de lado a estranheza da comparação, não há nada mais vivo do que um cemitério, onde todo dia uma vela se acende, uma flor é posta em um vaso, uma nova cova é aberta, e mais uma oração é entoada. Cemitérios são vida, pois as pessoas fazem dele algo dinâmico. Lembremos que cemitério é obra de pessoas vivas para homenagear seus mortos, mas as mensagens postas, as esculturas, as placas tem como objetivos os vivos que por ali passam.

Mais do que tudo os cemitérios – sejam eles quais forem – estão ligados às identidades de quem somos como um povo. O Cemitério Jardim da Saudade nos conta um pouco como as pessoas se veem enquanto moradores da zona norte (a relação mais direta tendo em vista a proximidade) e mais ainda, elabora também uma imagem dos londrinenses e da cidade de Londrina.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002.

IVANO, Rogério. Ruína e patrimônio ou as aporias da memória. IN: *Revista Reflexões*, v.1, n.1, 118-129, 2009.

LUCA, T.R. História dos, nos e por meio dos periódicos. p-p 111 – 153. p.112. IN: PINSKY, C. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

NATIONAL REGISTER BULLETIN. *Guidelines for evaluating and registering cemeteries and burial places*. Washington, D.C., U.S. Department of the Interior.

SILVA. B.S.M. “Aqui jaz um pioneiro”: pioneirismo e memória no Cemitério São Pedro em Londrina – PR”. IN: SILVA. Z. L. VI Encontro do CEDAP – Preservação do Patrimônio e Democratização da Memória.

Fontes

Folha de Londrina, 30 de Junho de 1984, Seção Londrina.

Jornal de Londrina. Túmulos violados e caixões remexidos. 25 de abril de 1994. Seção Geral.

Correio Londrinense. Magia negra pode ser causa das violações de sepulturas. 27 de abril de 1994.

Jornal de Londrina. Mortos incomodados mais uma vez. 2 de maio de 1994. Seção Geral.

Jornal de Londrina. Magia negra e necrofilia voltam à discussão. 06 de dezembro de 1998.

Gazeta do Povo. Mas quatro túmulos violados em Londrina. 24 de Março de 1999.

Folha de Londrina. CDH pede providências para cemitério. 2 de março de 1999.

Folha de Londrina. Autarquia manda reforçar segurança em cemitério. 25 de março de 1999.

Jornal de Londrina. Prefeitura conclui estudo para cemitério. 19 de Junho de 2002.

Jornal de Londrina. Violência lota maior cemitério de Londrina, 27 de setembro de 2002. Seção Cidade.

Folha de Londrina. ‘Cidade’ com bairros e classes. 19 de outubro de 2003. Especial.

Folha Norte. No Jardim da Saudade maioria dos mortos tinha menos de 25 anos. 29/10 a 4/11/2005.

Jornal de Londrina. Falta de cuidados em túmulos preocupa direção da Acesf., 10 de novembro de 2005.

Folha de Londrina. Crânio exposto revela descaso em cemitério, 29 de novembro de 2005. Seção Cidade.

Folha Norte. Zona Norte tem o maior e o menor cemitério da cidade. 29/10 a 4/11/2011. Seção Cidade.

Folha de Londrina. Demanda por cemitério obriga Acesf a criar gavetários, 12 de outubro de 2012.

Folha de Londrina. Sepulturas poderão ser reutilizadas, 17 de janeiro de 2013. Folha Cidades.

Jornal de Londrina. Caixões, flores e roupas a céu aberto, 26 de fevereiro de 2013. Seção Geral/Cidade.

Recebido em 20/8/2014/
Aprovado em 04/12/2014.